

**PRIVAÇÃO DE LIBERDADE:** Possibilidades de escuta com adolescentes autores de atos infracionais no CESEIN

**DEPRIVATION OF FREEDOM:** Possibilities of listening to adolescents who commit acts of infraction at CESEIN

**Andressa Conceição Souza da Silva**

asilva07@live.com

Instituto Macapaense de Ensino Superior - IMMES

**Resumo:**

Este artigo, fruto de uma experiência de estágio ocorrido no Núcleo de Medidas Socioeducativas de Internação Masculina – CESEIN, em Macapá, teve como intuito o subsídio no sentido à amenização do sofrimento psíquico dos socioeducandos na instituição, em que foi possibilitada a escuta grupal, juntamente com o manejo da expressão, das vivências psíquicas e corporais, tendo como ferramenta o Psicodrama de Moreno, além de algumas dinâmicas experienciais. Tendo em vista a escassez de projetos relacionados a estratégias grupais de escuta na instituição, este artigo traz luz a novas formas de atuação nesta área, além de outras que trabalhem com a promoção da saúde mental. Com isso, através da sensibilização e reflexão dos adolescentes privados de liberdade, pode-se gerar a possibilidade de ressignificação do sofrimento.

**Palavras-chave:** Privação de Liberdade, Grupos de Escuta, Psicodrama.

**Abstract:**

This article, as a result of an internship experience at the Núcleo de Medidas Socioeducativas de Internação Masculina – CESEIN, in Macapá, was aimed at subsidizing the psychic suffering of socio-educandos, in which it was possible to listen together with the handling of speech, psychic and body experiences, using the Moreno Psychodrama as a tool, as well as some experiential dynamics. Given the scarcity of projects related to group listening strategies in the institution, this article brings light to new ways of acting in this area, as well as others that work with the promotion of mental health. With this, through the sensitization and reflection of the adolescents deprived of freedom, the possibility of resigning the suffering can be generated.

**Keywords:** Deprivation of Liberty, Listening Groups, Psychodrama.

**Introdução**

O presente artigo, fruto de uma experiência de estágio interventivo ocorrido no Núcleo de Medidas Socioeducativas de Internação Masculina – CESEIN, em Macapá, teve como foco o subsídio no sentido à amenização do sofrimento psíquico dos socioeducandos no CESEIN, em que foi possibilitada a escuta grupal, juntamente com o manejo da expressão, da fala das vivências

psíquicas e corporais, tendo como ferramenta o Psicodrama de Moreno, além de algumas dinâmicas experienciais e sua troca, escuta, diálogo.

Diante disso, fez-se a iniciativa de ir contra a lógica da tendência de fechamento vivenciadas nesta instituição, através de recursos de expressão. Esses recursos, sejam eles pela fala, dinâmicas e o uso do corpo, tiveram o intuito de proporcionar a esses sujeitos uma tendência de abertura, ao se ampliar uma nova configuração da abertura de si mesmos. Segundo Reis (2014), quaisquer formas de expressão produzem uma nova recriação de si, uma nova forma de se ver e atuar frente à realidade, assim como a produção de novos sentidos, em que permite “uma concepção estética do humano, visto como capaz de criar e recriar-se, um ser em constante devir, pois possibilita ao homem experimentar formas diferentes de se expressar, e [...] de ser [...]” (p.156).

O trabalho teve como hipotético questionamento: como os grupos de escuta contribuem para a amenização do sofrimento psíquico dos socioeducandos em situação de privação de liberdade no CESEIN. As experiências tiveram por objetivo a criação de um espaço de sensibilização e reflexão para os socioeducandos no CESEIN, sendo um espaço grupal voltado para a escuta sobre o processo de privação de liberdade em que se encontram.

Essas experiências ecoaram com a possibilidade de ressignificação do sofrimento destes adolescentes, através dos recursos de expressão do Psicodrama e de dinâmicas experienciais. Diante disso, pôde-se levantar uma ampla gama de possibilidades e compreensões acerca das subjetividades dos socioeducandos, tendo em mente a vertente de que todo ser humano é capaz de reaprender a ver, a ter uma nova percepção a respeito do mundo e de si mesmo.

Tendo em vista a escassa realização de projetos relacionados a estratégia grupal de escuta na instituição, fez-se a necessidade de pesquisar e intervir sobre a questão da privação de liberdade, caracterizada por um tipo de vivência que afeta drasticamente o sujeito. As contribuições dos trabalhos psicodramáticos de Moreno têm sua relevância para os estudos e intervenções sociais de diversas áreas, possibilitando um trabalho de conscientização e reflexão pela arte, pelo campo do sensível.

### **Os Socioeducandos e a Privação de Liberdade**

Observou-se o contexto de internação presente na instituição, se fazendo importante os apontamentos dos estudos de Goffman (1975), discorrendo sobre a chamada instituição total, na qual discorre retratar sobre “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada” (p.11). Segundo as ideias do autor, trazendo para o contexto em questão, assim como o núcleo sirva para a promoção da autonomia e do processo de ressocialização do adolescente autor de ato infracional, como estipuladas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), este mesmo ambiente também possui uma tendência de fechamento.

Observa-se também o paradoxo entre o processo de ressocialização e a condição de institucionalização do socioeducando. Segundo o autor, é provável de ocorrerem mudanças radicais na carreira moral deste sujeito, a partir do momento em que este entra no contexto de internação, provocando a possível mortificação de sua identidade.

De acordo com os estudos de Goffman em seu livro *Estigma* (1980), faz-se a analogia aos adolescentes que cumprem medida de internação, privados de liberdade, e a lógica do aprisionamento, na qual irão carregar uma identidade estigmatizante, ou seja, uma marca, um rótulo, gerador de sofrimento e revolta, que de certa forma marginaliza e exclui. Diante disso, percebe-se o processo de exclusão desses sujeitos. Quando pensados o contexto social na qual estão inseridos, pressupõe-se que existe uma parcela da sociedade que exclui possibilidades e potencialidades desses adolescentes, o que faz se propagar a crença de uma concepção marginalizante presente na vida desses sujeitos, limitando outros modos de vida (FOUCAULT, 1999).

## O Psicodrama

As psicoterapias, assim como os processos de escuta psicológica, utilizam técnicas que visam promover o autoconhecimento, a superação de obstáculos, entre outros, através de práticas específicas. Diante disto, o psicodrama, em associação a essas práticas, está interligado à arte teatral, levando os sujeitos a vivenciarem situações, assim como a representação/revivescência de correntes emocionais, com vista à resolução de conflitos.

Criado por Jacob Levy Moreno, o psicodrama tem como finalidade a tomada de consciência, através da espontaneidade como forma terapêutica, na forma de driblar resistências, defesas e discursos sociais instalados, assim como situações geradoras de sofrimento. Ao fazer os sujeitos entrarem em contato consigo mesmos, pela presentificação e corporização das dores, ansiedades, raivas, medos, angústias, mágoas, rancores, dentre outras situações, têm a possibilidade de elaborar e ressignificar suas vivências, ao se abrir o diálogo da auto compreensão e reflexão sobre si mesmos e sobre seu mundo interno e externo (CAMOSSA; LIMA, 2011).

Fator (2010) explana como as normas e regras sociais exercem um esforço do eu para se enquadrar a elas, e por muitas vezes, engessam e limitam outras possibilidades de existência. Segundo a autora, as técnicas do psicodrama permitem a expressão ao fazer o sujeito buscar e representar suas experiências psíquicas e as pôr em cena, confrontando-as e colocando-as em um palco imaginário de vivências internas, ao transformá-las em ação, dando novos significados.

O psicodrama de Moreno surgiu através de seu olhar para a necessidade de ampliação do método psicoterápico em vigor, ao analisar que era possível se extrair muito mais informações dos seus pacientes de forma espontânea e livre do que somente o critério de atendimento individual presente. Moreno começara a observar a linguagem não verbal, e que poderia dar luz a muitas possibilidades de compreensão. Utilizava os seguintes métodos para o psicodrama emergir, sendo eles: o **aquecimento**, que permite o grupo se preparar e escolher um tema para a encenação, e com isso aflorar um protagonista; a **dramatização**, que se refere a cena dramática, onde ganha importância os ego-auxiliares, estes encarregados de encenar com o protagonista cenas reais ou fantasiosas, aspectos e símbolos próprios de cada um; **compartilhamento**, onde ocorre o retorno do protagonista e dos ego-auxiliares, sendo um momento em que o grupo compartilha os sentimentos e vivências que afloraram durante a cena, abrindo com isso um ambiente de debates e reflexões (LEITE, 2014).

Segundo Ferraz et al. (2009) o psicodrama é uma forma de terapia realizada em grupo, partindo de um mundo pessoal, que se inscreve num universo coletivo, onde todos partilham emoções, sentimentos e compreensões, permitindo que um elemento do grupo represente o passado, presente ou futuro que se revele para ele como problemático, e com a ajuda do diretor (facilitador do grupo) usando outros membros do grupo/ egos auxiliares, participam da cena para desempenhar os papéis de pessoas significativas para o protagonista.

Além do psicodrama, há também o **Sociodrama**, como ferramenta que parte para os conflitos sociais, tal qual objetivados “enquanto eventos reais, e convida cada um dos seus potenciais agentes a vivê-los na própria pele, ou seja, sentir e vivenciar o lugar do outro [...], voltado para o grupo como um todo, tendo como objetivo a investigação social e transformação de conflitos” (FERRAZ et al., 2009, p.232).

Segundo Moreno (MORENO, 1975 *apud* RAMALHO, 2010) o psicodrama permite vivenciar o presente, o aqui-e-agora, a lógica do tempo imprevisível, do processo de descoberta, no qual o sujeito se posiciona criativamente, suscitando aos poucos o sujeito espontâneo-criador, na busca por resoluções de conflitos (internos e externos) através da cena psicodramática e/ou sociodramática, na possibilidade de libertar o potencial criativo, de espontaneidade e transformação para a vida.

### **Possibilidades de Escuta**

Quando se propõe possibilidades de escuta, assim como dar luz para os adolescentes falarem sobre si mesmos e se expressarem, se faz a desconstrução das barreiras estigmatizantes referentes a esses sujeitos, proporcionando a expressão de suas subjetividades, a possível ressignificação acerca de si próprios e de sua relação com o mundo (FAZZI et al, 2010). Mesquita e Carvalho (2014) destacam que o processo de escuta se apresenta como um meio de comunicação essencial para a compreensão de si, sendo um evento ativo e dinâmico, na qual exige um esforço primordial de quem escuta para se atentar aos aspectos verbais e não verbais do sujeito. Amatuzzi (2008) afirma que a escuta atenta tem a possibilidade de dar um novo significado para o sujeito, através da escuta da fala, mas principalmente, da expressão e do silêncio que emerge.

Sobre a função dos grupos de escuta, Pitta (2014) afirma que seu objetivo é emergir a possibilidade da oferta da palavra através das falas individuais e da escuta do outro, constituindo sentidos tanto para o indivíduo quanto para o grupo, favorecendo o conhecimento de si, de suas possibilidades e limitações. Rogers (2002) em seu livro *Grupos de Encontro*, enfatizou a importância dos grupos de escuta, em que os sujeitos começam a explorar sentimentos e atitudes que antes estavam encobertos, mascarados, passando a se expressarem através do contato e identificação com o grupo. Rogers destaca o paradoxo entre a expressão dos sofrimentos e

angústias dos sujeitos, ao mesmo tempo em que se abrem as portas para novas possibilidades de ser, de autocompreender e de auto refletir sobre si mesmos.

Ferraz et al. (2009) afirmam que os grupos expressivos, sejam eles pela expressão da escuta da fala e do corpo, tratam-se de grupos que se interligam ao trabalho com atividades lúdicas, expressivas e criativas, convidando os sujeitos a vivenciarem o imprevisível, criando novos meios de perceber, agir sobre a realidade e se comunicar com ela, ampliando novos olhares e respostas sobre si, o mundo e os outros. Segundo os autores, os sujeitos passam a colocar-se de modo crítico, reflexivo, participativo, utilizando-se de outras formas de diálogo para além da fala, vendo outras realidades emocionais e corporais, num amplo processo de construção e desconstrução, de “ajustar, compensar, reorganizar, colorir, esfumçar, movimentar, parar, aumentar, diminuir, acender ou apagar, enfim, desenvolver o que está latente e ajustar o que foi demasiado estimulado” (p.26) à expressão de sentidos e capacidade latente criadora.

## **Metodologia**

Utilizou-se, além da base bibliográfica, parte essencial da pesquisa, a metodologia da observação participante, por compreender o estudo de relações, percepções e opiniões, na qual permite suscitar processos sociais pouco conhecidos e a construção de novos conceitos, por consistir na participação real do pesquisador no conhecimento da vida de uma comunidade ou grupo (GIL, 2008).

Esta pesquisa possui caráter predominantemente qualitativo, pois se entende que “os fatos sociais dificilmente podem ser tratados como coisas, pois são produzidos por seres que sentem, pensam, agem e reagem [...]. Da mesma forma o pesquisador, pois ele é também um ator que sente, age e exerce sua influência sobre o que pesquisa” (GIL, 2008, p. 5).

Pretendeu-se utilizar a estratégia de grupos de escuta, e para facilitação do processo, foram utilizadas dinâmicas e o uso do psicodrama, visando proporcionar a interação e o contato consigo e com o outro, além da aplicação de técnicas de sensibilização e reflexão. O público alvo consistiu no total de 7 adolescentes em situação de privação de liberdade que desejaram participar da intervenção no CESEIN, reduzindo em 5 participantes, conforme o interesse e motivação para a intervenção. A aplicabilidade se deu pelo turno da manhã, uma vez por semana,

e por vezes duas vezes por semana (em dias de feriado). Como atividades, utilizou-se o grupo temático, sendo os temas abordados: percepção de si mesmos, percepção sobre família, características positivas e negativas de si, privação de liberdade, estigmas sociais, poder, sonhos, desejos, escolhas, metas para o futuro.

Como recursos materiais, empregou-se materiais de fácil acesso para a confecção de algumas dinâmicas, como: revistas, cola, tesoura, cartolina, balões, papéis, canetas, caixinha e o uso de um pequeno espelho. Como espaço físico, foi disponibilizado na instituição o auditório, além do salão de um antigo refeitório. O instrumento para descrição das experiências deu-se por meio do diário de campo (GIL, 2008), pelo qual explorou e aprofundou as realidades vivenciadas e suas possíveis reverberações nas trajetórias de vida dos socioeducandos que participaram do grupo de escuta, sendo base para a descrição das experiências vividas neste grupo.

### **Análise e Discussão das Atividades**

#### **Grupos de Escuta, Dinâmicas e Psicodrama: Sensibilização e Reflexão**

Foram seis encontros empenhados de compreensão e reflexão, assim como a suspensão e desnudamento de todos os estigmas e pré-conceitos a respeito do “adentrar” na vivência e no mundo do outro (FORGUIERI, 2002). Os encontros seguiram-se de várias atividades desenvolvidas, conforme o estabelecimento do vínculo de confiança dos socioeducandos se aprimorasse, abrindo-se aos poucos um laço de apoio, conexão e empatia.

Nos primeiros encontros, foram utilizadas algumas dinâmicas de modo a facilitar, posteriormente, a criação expressiva e o fortalecimento de vínculos, nas quais serão explicadas no decorrer deste tópico.

Utilizou-se a dinâmica do espelho, que segundo Marques (2017) é uma dinâmica que dá oportunidade à pessoa refletir sobre quem ela é, e especialmente, para que se veja sob outras perspectivas, o que lhe permite ampliar a visão acerca de si mesma e do mundo na qual está inserida, promovendo o autoconhecimento. Especialmente no contexto do CESEIN, o intuito era fazer os socioeducandos se olharem além das identidades sociais impostas a eles, carregados de estigmas e preconceitos, com o objetivo de desmistificar essas imagens, e suscitar uma tomada de consciência a respeito de si, ao se confrontarem com sua imagem no espelho.

Segundo o autor, a dinâmica traz à tona o falar sobre o que se vê, sente e pensa, ao deparar com o que há dentro da caixa (a imagem do próprio eu), fazendo os sujeitos irem além da imagem cristalizada e superficial vista no espelho, para o diálogo da confrontação, reflexão e tomada de consciência, assim como novas maneiras de se pensar a respeito de suas autoimagens. Foi percebido sobre o quanto foi difícil para estes pensarem outras características em relação a si que não estejam relacionadas ao contexto em que estão, como a imagem que construíram.

Executou-se a chamada “Dinâmica do Revele”, que através de sorteios, cada um retirasse da caixinha um pequeno papel, dizendo “Revele...”. Em cada papel, era esperado que eles, individualmente, revelassem: uma tristeza, uma alegria, uma raiva, um sentimento positivo, um medo, um sonho, um obstáculo. Todas as percepções destes foram expostas, e ao final, um pequeno diálogo, ainda que tímido, começara a emergir.

Questionamos cada um e suas respectivas respostas, sobre qual é o sentido que eles dão ao que acabaram de falar, sobre como é se sentirem assim, e sobre como poderiam agir sobre. Percebemos sobre o quanto foi difícil para estes revelarem o que sentiram ao ler seu papel, mas aos poucos, foram se abrindo novas falas, a partir do relato individual sobre cada papel: sobre o medo de morrer; a alegria de ficar perto da mãe; a raiva e revolta com relação a si mesmo; o sentimento bom de esperança, no sentido da possibilidade de trilhar outros modos de vida; o sonho de terminar os estudos; o obstáculo, que são os preconceitos e sobre a noção incômoda do tempo, refletindo com isso a vivência de um espaço causador de sofrimento, gerando uma noção tempo-espaço compactada, rígida, lentificada e enrijecida (SEIBT, 2010) para quem se encontra em privação de liberdade.

Nos encontros seguintes, fez-se o uso do Psicodrama como estratégia de sensibilização e reflexão de suas vivências, assim como uma possível resolução de conflitos (CAMOSSA; LIMA, 2011). Explicamos sobre a proposta e objetivos das técnicas psicodramáticas, de fazê-los expressarem o que lhes incomoda, lhes provoca entaves, que aflige e que querem “colocar para fora”. Pôde-se captar muitas informações, através da corporização de suas vivências, em que muitos espelharam suas raivas, revoltas e presentificação de suas emoções antes guardadas e pretensiosamente quisera não lembrá-las, sendo um momento de catarse de suas próprias dores, antes “aparentemente resolvidas”, e que neste momento, encontraram alívio. De corpos enrijecidos, começaram-se, a partir desses encontros, a reverberar atos existenciais.

No final das encenações, foi perguntado sobre como foi para estes retornarem ao já vivido, ou seja, as situações em que vivenciaram antes de irem para o CESEIN, e muitos relataram sentimentos de reflexão com a experiência, relatando, após, um sentimento de alívio, de “um peso guardado, mas que fazia mal” na fala de alguns. Utilizou-se como reflexão a técnica psicodramática de **inversão de papéis**, que consiste em vivenciar o papel social do outro (LEITE, 2014) em que se pôde suscitar a tomada de consciência sobre a capacidade de se colocar no lugar do outro.

Ao final da encenação sobre um assalto, foi questionado sobre qual o sentido do roubo para eles, o olhar para as vítimas, o sentido de ter (dinheiro), e a questão da morte, visto que foi a temática abordada por eles na encenação. Relataram medo, fragilidades e incômodos, além de nunca terem parado para pensar e sentir sobre essas situações. Foi um momento de grandes debates e implicações, onde todos expressaram seus conteúdos antes inacessíveis.

Executou-se, como continuação das técnicas do psicodrama, no encontro posterior, a dinâmica “Minha Vida Pelas Figuras”.



**Imagem 1** – Foto referente aos socioeducandos e estagiárias, no momento da dinâmica.

**Fonte:** Acervo Pessoal, 2017.



**Imagem 2** – Imagens referentes à facilitação da dinâmica.

**Fonte:** Acervo Pessoal, 2017.



**Imagem 3** – Imagens referentes à facilitação da dinâmica.

**Fonte:** Acervo Pessoal, 2017.

Incluimos algumas imagens de fatos que ocorrem diariamente na realidade que os socioeducandos estavam inseridos. Essas imagens ficaram espalhadas ao chão e viradas e cada um retirava uma. Foram expostas imagens sobre dinheiro (simbolizando o poder), morte, privação da liberdade (presídios), a sensação de ser preso, armas, drogas, um menino com livro na mão (simbolizando os estudos e metas para o futuro), família, esporte, e uma cadeira, que significava a cadeira que os mesmos gostariam de ocupar na sociedade, sobre qual papel que eles querem ocupar.

A proposta de levar essas imagens surgiu no intuito de fazer os socioeducandos despertarem a respeito da confrontação de si nas imagens, e reflexão sobre a iniciativa de enxergar outras possibilidades de escolha, ao aludirmos que é através da responsabilização por nossos atos que podemos escolher, e que, se há angústia em relação a nossas experiências passadas, se encontram também o cerne para a tomada de consciência em relação a novas escolhas e possibilidades de mudança (SARTRE, 2007).

As imagens procuraram retratar a realidade vivida por eles, ao fazê-los entrar em contato com elas, no sentido de afirmar que as imagens falam por si. Percebeu-se que todos entraram em contato com as imagens, alguns encarando-as vividamente, e outros, relatando longos discursos sobre as imagens: entraram em contato com a situação de morte, com a situação de poder, o vício do roubo, com a situação de afeto, o “dinheiro fácil”, e assim por diante.

Com essas imagens pôde-se analisar a dificuldade destes em olharem para outros modos de vida que não seja o intuito do roubo, levantando o questionamento sobre qual o sentido do roubo em suas vidas, relacionando com a imagem da morte e da família, ao perguntar a eles: “o que é realmente importante em suas vidas?”. Muitos relataram sobre querer ter um emprego e

terminar os estudos. Foi dada uma reflexão à eles: “Vocês estão querendo brincar com a própria vida?”. Um silêncio emergiu, e sabia-se que era um tipo de silêncio de reflexão. Falaram sobre família e afeto, exclusivamente sobre suas mães; esportes; a vivência da privação de liberdade; tristezas ao relatarem um ambiente gerador de incômodos e de se pensar coisas negativas; sobre drogas, em que relataram o uso de bebidas e de outras drogas, como o uso da maconha, para “aliviar o tédio”, como alguns relataram, no qual instigou-se a descobrirem outras potencialidades em si mesmos, em que estes permitiram se questionar, se implicar em cada foto, além do sentido da liberdade e de suas escolhas.

Como finalização, aplicamos a dinâmica denominada “Lançando Fora”. A dinâmica consistia em fazer os adolescentes lançarem fora algum sentimento, incômodo, enfim, que não querem mais para si. O objetivo era escrever em um pedaço de papel o que se queria livrar, e a partir disso, dobrar o papel, colocar dentro de um balão, e enchê-lo.

Com a dinâmica, todos teriam de soltar seus balões, para que outro integrante do grupo pegasse. Todos seguiram as regras do jogo. Com isso, cada um, individualmente, estourou o balão e leu o sentimento do outro integrante. Foram escritas várias frases, nas quais se referem ao sentimento de: “Quero sair do CESEIN”, “Sair dessa ‘vida loka’ ”. Porém, um deles se destacou e emergiu: “Quero sair desse mundo do crime”. Essa frase suscitou o sentimento de que sempre haverá esperança na potencialidade de cada um, que só precisa ser estimulada, porém cabe a cada um a responsabilidade por suas escolhas.

No final, fez-se um breve apanhado das atividades realizadas com eles, no sentido da escolha, sonhos, metas para o futuro, família, as encenações, dentre outros. Alguns lacrimejaram, e muitos verbalizaram que, em meio a todas as experiências nas quais viveram, ainda existem pessoas que não os olham com preconceito, e que acreditam em suas potencialidades. Reforçou-se a ideia de que cada história que eles viveram jamais irá determinar seus destinos, e que só depende deles a capacidade e habilidade em escolherem trilhar outros modos de vida, e a estarem preparados para suportarem os preconceitos e demais situações que terão de enfrentar quando saírem.

Sussuarana, Ribeiro e Santos (2017) descrevem sobre os sujeitos que se permitem encenar e dialogar com o seu estigma, ao mesmo tempo em que abre caminhos para a busca por novos

territórios de si mesmo, a partir da sensibilização do corpo, percebendo novos modos de estar e existir, um devir que transcende o estigma, suscitando novas possibilidades existenciais.

### **Reflexões Finais**

Concluimos que os grupos de escuta possuem essa “mágica”: é esse constante encontrar e se desencontrar, enlaçar e desenlaçar nós, travas e lágrimas. É falar, vomitar, escutar, fazer sair, expulsar e também se expressar através do corpo, num constante agir diante da dor. É compreender que a vida é um constante porvir, cercado de incertezas, e também compreender que ela é feita de escolhas, que cabe a cada um se responsabilizar por elas (SARTRE, 2007).

Os grupos de escuta são uma porta para aprender a se recriar, testar suas infinitas possibilidades de existência, sendo que isto requer coragem e uma grande abertura para a mudança que cabe a cada um encarar de frente ou se estagnar no tempo (ROGERS, 2009).

Apesar de tudo, e da pouca experiência da autora deste artigo, teve-se a certeza de que o pouco que foi feito, provocou uma efervescência de implicações nesses jovens, que só precisam ser estimulados a se questionar, se indagar, ampliar seu olhar e levantar o senso crítico a respeito do motivo pelo qual “fazem o que fazem”. Através da análise das intervenções, foi visto neles um dos maiores objetivos pretendidos com a concretização deste trabalho: gerar a sensibilização e reflexão. Seria uma eterna satisfação a continuidade deste trabalho por outras pessoas, por graduandos e profissionais de outras áreas, amantes da criatividade e da sede por mudança social, seja no CESEIN (que tanto carece dessas intervenções) e em diversas outras instituições, pelos seus efeitos e experiências descritas aqui, neste breve relato.

### **Referências**

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por Uma Psicologia Humana**. São Paulo: Editora Alínea, 2008.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**.

CAMOSSA, D.; LIMA, N. S. T. O psicodrama e sua contribuição para a saúde mental. **Revista Unisal**, 2011.

FATOR, T. A Teoria Psicodramática e o Desenvolvimento do Papel Profissional. **Universidade Municipal de São Caetano do Sul**, 2010.

- FAZZI, R. (Org.) et al. **Pra pagar de boa**. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: ICA/PUC Minas, 2010.
- FERRAZ, Marcelli (org.) et. al. **Terapias Expressivas Integradas**. Revisão em Português Brasileiro por Angélica Paredes. Portugal: Tuttirév Editorial, 2009.
- FORGUIERI, Yolanda. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1980.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LEITE, P. P. **Métodos e Técnicas do Psicodrama**, 2014.
- MARQUES, J. R. **A Dinâmica do Espelho e seus Benefícios para o Autoconhecimento**. JRM Coaching, 2017.
- MESQUITA, A.; CARVALHO, E. C. A escuta terapêutica como estratégia de intervenção em saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v. 48, n.6, p.1127-1128, 2014.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- PITTA, A. M. F. Os Centros de Atenção Psicossocial: espaços de reabilitação?. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 43, n.12, p.647-654,1994.
- RAMALHO, Cybele. **Psicodrama e dinâmica de grupo**. São Paulo: Ed. Iglu, 2010
- REIS, A. Arteterapia: a arte como instrumento de trabalho do psicólogo. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 34, n.1, p. 142-157, 2014.
- ROGERS, Carl. **Grupos de Encontro**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- SEIBT, C. L. Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. **Revista de Filosofia**, v. 22, n.30, p. 247-266, 2010.
- SUSSUARANA, Adriele; RIBEIRO, Adriana Barbosa; SANTOS, Aleson Hernan. Do ninho do gozo ao ninho do cuidado: corpo, teatro e saúde mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.10, n.25, p.84-95, 2018.
- 500 DINÂMICAS. Despert: Consultoria e Treinamento. Disponível em: <[www.despertrh.com.br](http://www.despertrh.com.br)>.

Artigo submetido em 20/03/2019, e aceito em 27/07/2019.